

f12bey

Importante: os comentários e opiniões contidos neste texto são responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a opinião do InfoMoney ou de seus controladores;

Negócios, negócios, negócios.

O esporte continua a ser uma área de interesse de investidores de todos os tipos, origens e bolsos.

Nesta semana, vamos tratar de alguns movimentos anunciados na imprensa e como eles se conversam (ou não), com estratégias de negócios no esporte.

Vamos começar pela tentativa do fundo soberano da Arábia Saudita (PIF) de comprar a gestão da F1, que hoje está nas mãos da Liberty Media.

A suposta proposta pelo controle da modalidade teria sido de US\$ 20 bilhões.

Vamos lembrar algumas coisas: a Liberty Media comprou os direitos da F1 em 2017 por US\$ 4,5 bilhões.

Desde então vimos uma revolução na modalidade, como o lançamento de um aplicativo de transmissões e a estreia da série "Drive to Survive", que trabalharam no aumento do interesse pela categoria a ponto de ela definitivamente conquistar o mercado americano.

Sem contar a expansão pelo Oriente Médio ser o quarto provas na região na temporada 2023 e a modernização do relacionamento com os fãs.

Apesar de ser 100% controlada pela Liberty Media, o Formula One Group tem ações do tipo "Tracking Stocks" na Nasdaq.

Na última sexta-feira, o grupo valia US\$ 16 bilhões, com receita anual estimada em US\$ 2 bilhões e Ebitda de US\$ 500 milhões.

Resumidamente, as tracking stocks geralmente tem pouco ou nenhum direito a voto, os recursos aportados servem apenas para pagamento de dívidas ou investimentos no próprio negócio e elas são uma forma de levantar capital para unidades de negócios específicas de grandes conglomerados.

Algo, inclusive, que deveria ser pensado no Brasil quando falamos em clubes de futebol.

Mas fica para um próximo artigo.

Quando os clubes oferecem um prêmio de 25% sobre o suposto valor de mercado da Fórmula 1, isso indica muitas coisas;

Primeiro que trata-se de um negócio de exposição e interesse.